

Reginaldo de Faria Resende



**A ESTÉTICA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA O ENSINO MÉDIO
UM DEBATE SOBRE O TRABALHO DE MARCEL DUCHAMP**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

Reginaldo de Faria Resende

**A ESTÉTICA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA O ENSINO MÉDIO
UM DEBATE SOBRE O TRABALHO DE MARCEL DUCHAMP**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Prof.^a Barbara de Oliveira Ahouagi

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

A estética no ensino de artes visuais para o ensino médio, um debate sobre o trabalho de Marcel Duchamp: Especialização em Ensino de Artes Visuais /. – 2015.
f. (37)

Orientador(a):

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I.Nome do orientador – Ahoagi, Barbara de Oliveira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *A estética no ensino de artes visuais para o ensino médio. Um debate sobre o trabalho de Marcel Duchamp*, de autoria de, Reginaldo de Faria Resende aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Barbara de Oliveira Ahouagi - Orientadora

Maria Luiza Dias Viana

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015
Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

**À ARTE, E AO PODER QUE ELA TEM,
SOBRE QUALQUER PALAVRA.**

**À BELEZA E A TODAS AS SUAS
FORMAS DE EXPRESSÃO E DE
RESIGNIFICAÇÃO. AOS QUE COM AMOR
SABEM OUVIR, APRENDER E
APRECIAR UMA ARTE MAIOR QUE É
ENSINAR COM DEDICAÇÃO, REPEITO
E AMOR.**

**“NÃO SABEMOS DE ONDE VEM
UM GOSTO, UM INSTINTO,
NINGUÉM NOS ENSINA, DE ONDE
QUER QUE VENHAMOS
NASCEMOS COM ELE”. (YVES
SAINT LAURENT, 2014, PARIS
FILMES).**

RESUMO

Este trabalho buscou criar metodologias de ensino em artes visuais tendo como base a estética. O debate estético em sala de aula, no ensino médio tendo como base o trabalho de um artista específico, o francês Marcel Duchamp. Tendo como base a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa objetivando formas de “ler” a arte segundo aspectos de beleza, forma, cor, composição. Para isso foram estabelecidos conceitos como: metodologia, produção, materialidade, novos materiais, formas de apresentação e exposição contemporâneas tendo como referência Lúcia Gouvêa Pimentel, Luiz Moraes Coelho e Tatiana Cristina Gusmão. A metodologia foi entendida como um caminho onde os alunos através do trabalho de algum artista irão estabelecer noções de beleza e aplicabilidade artística. A subjetividade foi considerada, pois é um caminho para formação estética do aluno. A oficina de resignificação de objetos em arte desta pesquisa foi realizada na Escola Estadual Zico Barbosa, através dela foi testada a metodologia, apresentada no Curso de Especialização em Artes Visuais, e efeitos individuais dos alunos a respeito da obra do trabalho do artista e de seu método. O produto e os resultados da oficina, foram analisados a partir da apresentação de cada participante de sua assimilação dos conceitos tratados em sala e das aproximações e distanciamentos entre os conceitos de metodologia de ensino de Arte.

Palavras-chave: Metodologia, fotografia, resignificação, estética.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA – 1 – L.H.O.O.Q. Marcel Duchamp. 1919.....	p.17
FIGURA – 2 – Fonte. Marcel Duchamp. 1917. Urinol invertido.....	p.19
FIGURA – 3 – Jules Marey Etienne. Experimentos em movimento na fotografia criar belos efeitos.....	p.20
FIGURA – 4 - Jules Marey Etienne. Experimentos em movimento na fotografia criar belos efeitos.....	p.21
FIGURA – 5 – The Beatles	p.24
FIGURA – 6 – Mickey Mouse	p.26
FIGURA – 7 – Mulher sorrindo	p.27
FIGURA – 8 – Roseira Branca.....	p.28

SUMÁRIO

Introdução	p.11
1- A estética no ensino de artes	p.13
1.1 A estética em sala de aula	p.14
1.2 A Arte e suas provocações. Um estudo estético para ensino médio	p.16
2. O debate estético em no trabalho de Marcel Duchamp: Uma Proposta de trabalho em sala	p.18
2.1 Foco na prática. Oficina de resignificação de materiais em arte	p.19
3 Análise da oficina de resignificação de objetos em arte	p.23
Considerações finais	p.29
Referências Bibliográficas	p.31

INTRODUÇÃO

O ensino de artes visuais deve ser compreendido como uma forma de trabalhar com o indivíduo a interpretação do mundo de acordo com a linguagem não verbal, ou seja, a linguagem das imagens.

Após a conclusão do Curso de Ensino de Artes Visuais, entendemos que o professor de artes precisa estar universalmente inserido na pesquisa, na construção metodológica, tendo como objetivo a construção de um ambiente artístico crítico e de debate. As etapas desse percurso de aprendizagem no qual todos nós vivemos, acontece dentro da vida escolar e fora dela.

Nesse contexto faz-se necessário investigar as várias formas de percepção a respeito da arte e para isso, devemos levar em consideração as questões referentes à estética como uma forma de criar um ambiente criativo e inspirador para criação artística.

Trabalhar no campo da imagem e a relação que ela tem sobre cada interlocutor que a observa, interpreta, reinterpreta. A leitura que cada pessoa faz da arte, artistas, obras e do contexto histórico artístico, são caminhos trilhados nessa pesquisa, quando tomamos partido de uma obra, de um determinado artista, delimitamos formas de ler e entender esse trabalho, para então criarmos algo novo.

As formas contemporâneas de trabalhar as diversas possibilidades que a modernidade e as novas tecnologias trouxeram ao mundo principalmente ao mundo da arte. Entendemos de acordo com o IRWIN (2015, p. 2), que o ensino de Arte não precisa somente de um artista-pesquisador-professor, mas sim requer integração entre teoria, à práxis e poesis, ou seja, a teoria/pesquisa, o ensino/aprendizagem e a arte/produção.

Para falar sobre este estudo é preciso antes, retomar meu trabalho enquanto designer e educador em Artes Visuais, que sempre teve como referência a beleza e seus questionamentos, a imagem e o poder que ela tem sobre qualquer palavra. Devemos ainda levar em consideração o trabalho com a imagem e com a estética que sempre foram usados em minha metodologia em sala de aula para o ensino médio; levaram a construção desse trabalho, dentro de vivências experimentadas em sala de aula com meus alunos.

Para conduzir este trabalho o capítulo primeiro traz abordagens relativas às metodologias apresentadas no curso de especialização em Artes Visuais pela professora

Lucia Gouvêa Pimentel, das formas estabelecidas por pesquisadores, de entender a estética na arte e na abordagem triangular da professora Ana Barbosa.

No capítulo segundo, discorremos sobre a proposta de oficina de resignificação de materiais usando objetos como lixo e materiais de reuso, dando aos mesmos novos significados. A construção de uma metodologia de trabalho, a escolha da técnica e da imagem a ser trabalhada, assim como planejamento da oficina.

No capítulo terceiro foram analisados os resultados da oficina, o produto da mesma, a avaliação da metodologia usada, e a visão que cada participante fez do trabalho num todo.

A conclusão trata da eficácia conseguida na forma de trabalho proposta pela metodologia sendo confrontada com os resultados dos trabalhos, assim como a opinião pessoal de cada aluno a respeito de seu trabalho de sua escolha de tema e de material.

1 A ESTÉTICA NO ENSINO DE ARTES.

Definições de arte existem incontáveis, mas segundo o historiador Frederico Morais: “Arte é o belo; a técnica ou a paixão. Arte é ilusão. É liberdade. Produto dos artistas ou de qualquer um; anônimo ou conhecido são ou louco. Ambígua, plural. Tudo é arte. Ou, ao contrário, arte é tudo. (MORAIS, 2002, p.45).

O conhecimento artístico é fruto de uma construção diária, não é algo pronto acabado, está em permanente evolução. Diante disso o campo de pesquisa sobre artes se torna vasto.

A pesquisa em artes trata de processos onde se podem estabelecer metodologias usadas por artistas. Quando tratamos da história e de questões críticas e teóricas, temos um conhecimento que se faz necessário para artistas, pesquisadores, professores e alunos. Segundo Iavelberg.

A formação cultural é imprescindível, porque a aprendizagem ocorre a partir da assimilação ativa do aprendiz sobre os objetos de conhecimento, cuja fonte principal é a produção sócia histórica de conhecimento nas distintas culturas, ou seja, na produção cultural contemporânea e histórica nos âmbitos regional, nacional e internacional. (IAVELBERG, 2007, p.55)

O caminho da pesquisa ainda pode ser explorado de forma mais consistente nas salas de aula uma dinâmica construtiva. No caso do ensino de arte devemos entender que além das questões culturais que estão em loco, a arte pode propiciar ao aluno uma interação e interpretação com o mundo à sua volta. Usamos técnicas de desenho, tecnologia, e outras ferramentas, e sabemos que os resultados são determinados pelas experiências vividas pelo indivíduo.

É papel determinante do educador em artes desenvolver em seus educandos um olhar interpretativo a cerca da arte e as várias formas de beleza que ela propõe. Entender a beleza como algo pessoal intransferível é uma questão a ser debatida em sala de aula. Fora do senso comum, todas as pessoas tem capacidade interpretativa em relação à beleza. Essa capacidade se faz necessária ao processo artístico.

A estética pode nesse contexto aparecer como uma ferramenta fundamental de trabalho. Ela acompanha o ser humano desde seu nascimento, sendo uma habilidade desenvolvida ao longo da vida. Segundo Fernando Barros em seu livro sobre a filosofia estética para o ensino médio: “um juízo estético é uma operação autônoma do sujeito – ainda que desencadeada pela representação de um objeto” (Barros, 2012, p.63).

O trabalho com a imagem será um dos pontos de partida para que possamos desenvolver outros conteúdos relacionados em sala, como história da arte, influenciadas por determinada obra ou artista, imagem ou quadro dentro de sala.

Outra forma de trabalhar a estética na educação em Artes Visuais é desenvolver formas de identificar, ou ler uma imagem. Para isso teremos como base o trabalho do professor norte americano Edmund Burke Feldman, que aparece também como metodologia proposta por Ana Mae Barbosa.

Estes estudos mostram que oportunidades educativas interferem sobre a maneira na aquisição de saberes sobre a arte, que estão relacionados à forma de ler e interpretar a estética. A comparação e análise de obras de arte propõe uma leitura, a partir do qual os alunos possam fazer uma interpretação levando em consideração aspectos relacionados à perspectiva da apreciação artística no campo educacional.

Em sala de aula, esse método contribui para a formação crítica do aluno operando com o diálogo, visando promover compreensão de procedimentos, matérias, técnicas, suportes, temas, poéticas dos artistas em seus contextos. Isso possibilitará pontos de vista complementares, entre o espectador e o criador, pois ambos são importantes para o sentido de toda obra, se os alunos não se abrirem para a leitura e a apreciação significativa esse sentido se perde.

Apesar de a experiência estética acontecer em inúmeros ambientes, observamos que crianças na primeira idade escolar, que tiveram uma formação artística já consistente desenvolvem seu olhar estético chegando ao ensino médio com uma formação artística mais consistente.

Estudos mostram que apreciadores e frequentadores de museus e galerias de artes visuais em sua maioria possuíram ao longo da vida algum tipo de formação artística que os levou a compreender e frequentar esses locais. É um gosto também construído pelo professor de arte responsável por criar esse universo intelectual na educação artística, que depois será usado de várias formas na construção individual e cultural dos indivíduos.

1.1 A estética em sala de aula.

A educação em artes segundo Iavelberg compreende: “contextualizar e situar as criações no tempo e no espaço, considerando o campo de forças políticas, históricas, sociais, geográficas, culturais”[...] (IAVELBERG, 2003, p.10).

Existem muitos desafios na educação em artes, sobretudo no ensino médio, como expõe Rosa Iavelberg “a cultura e subjetividade de cada aprendiz alimentam as produções, e a marca individual é aspecto constitutivo dos trabalhos” (IAVELBERG, 2003, p.11). Esses desafios podem ser superados na conceituação da arte, e principalmente no trabalho estético que deve ser debatido pelo educador em artes.

Essas propostas educacionais vão ao encontro do que expõe Lucia Gouvêa Pimentel:

O professor de arte, em qualquer nível de ensino, deve ser, primeiramente, pessoa inserida no contexto artístico como forma de viver. É essencial que a experiência estética seja um componente importante em sua vida cotidiana. (PIMENTEL, 2014, p.25).

A arte assim como outras disciplinas precisa de um método, que direcione o trabalho prático e o teórico. Em sala o método é uma forma de trabalhar algum momento da história da arte ou mesmo falar de algum artista. Sobre o método em artes Pimentel dialoga: “método é algo que tem um direcionamento, um modo correto de fazer, uma sequência a ser seguida” (PIMENTEL, 2014, p.29).

Temos como destaque para esse trabalho os estudos propostos por Edmund Feldman sendo a interpretação estética e a beleza através de: descrição (do que é visível na obra); análise (entre os elementos visuais e sua organização); interpretação (identificar um tema ou idéia no trabalho); julgamento (decidir sobre o êxito ou o fracasso do objeto artístico). (IALVENBERG, 2003, p.76).

Ana Mae Barbosa, em seu livro: “A imagem no ensino da arte” (2009, p.45-46), divulga a proposta de Edmund Feldman, e julga que o desenvolvimento crítico para a arte é fundamental. Segundo a autora a capacidade crítica se desenvolve através do ato de ver associado a princípios estéticos, éticos e históricos ao longo de um processo de descrição, análise, interpretação e julgamento.

Com isso sua proposta triangular de ler, fazer e contextualizar debatida com foco estético junto a outros conhecimentos adquiridos pelo aluno como noções de forma, cor, proporção e composição irão formar todo o conhecimento artístico necessário ao estudo da arte em sala de aula.

1.2 A arte e suas provocações: Um estudo estético, para o ensino médio.

Temos então a base para o trabalho em sala pontuada por um debate e por uma análise de alguma obra ou autor. A criação artística é fruto de pesquisa que deve, sobretudo ser aplicada em sala de aula. Ensinar arte é gerar possibilidades, que podem existir a partir de estudos e debates em sala. Segundo Pimentel.

Ensinar arte significa possibilitar experiências e vivências significativas em fruição, reflexão e elaboração artística. Para isso, é necessário que o professor tenha uma base teórica que lhe possibilite a ampliação de pensamento, tanto para conhecer os caminhos trilhados por seus(as) alunos(as) quanto para propiciar momentos significativos que possibilitem encontrar novos processos individuais e coletivos. (PIMENTEL, 2014, p.26).

Essa forma de trabalho exposta por Lucia Gouvêa Pimentel, onde o professor precisa ter conhecimento teórico, ou seja, ser um pesquisador é uma ferramenta facilitadora a ser explorada em sala de aula. É necessário criar um ambiente de pesquisa acerca de algum artista ou obra. Nesse primeiro momento tratar a arte de forma verbal|textual, resultando no estudo de um método artístico que possibilitará um trabalho prático pelo aluno em sala.

O diálogo textual é também uma forma de educar esteticamente, temos novamente a proposta de Ana Mae Barbosa onde o ler, o fazer e o contextualizar são ferramentas indispensáveis para a educação em artes. Propor uma linha de raciocínio lógico a cerca de alguma obra ou movimento como base de trabalho para os alunos.

O preparo teórico é importante para o professor, como forma argumentativa como foi exposto por Lúcia Pimentel. A análise proposta por Feldman e abordada por Ana Mae Barbosa irá então estabelecer relações técnicas, materiais e processos criativos; fechando o ciclo de ensino em artes tendo como base à estética.

O trabalho de Marcel Duchamp é um terreno fértil para essas provocações características da arte contemporânea. Isso se deve ao fato de que segundo Gusmão: “Sua atividade provocativa aos meios tradicionais, no entanto, já tinham algumas décadas quando os artistas nos anos 1950 e 1960 passaram a revisitar suas ideias e propor novos caminhos para as artes”. (GUSMÃO, 2013, p.105).

A liberdade experimentada por artistas ao longo da história ganha força nas transformações ocorridas entre o fim do século XXVIII e início do XIX. E Duchamp tem papel determinante nesse processo dando novo significado a arte através de

releitura de obras famosas (FIGURA 1) e do uso de materiais diversos transformando-os em arte.

Figura 1 – L.H.O.O.Q. Marcel Duchamp. 1919.



Fonte: GUSMÃO, Tatiane Cristina. Arte e interação. Volume único. Ensino médio. Instituto brasileiro de Edições Pedagógicas. 1º edição. São Paulo 2013.

Para o ensino de Artes Visuais contemporâneo é importante que o professor estabeleça essa relação estética com seus alunos. Trabalhando os conceitos do material e imaterial. Discutindo e expondo formas de ler essas novas imagens criadas por artistas provocativos e questionadores como Marcel Duchamp.

Instigar seus alunos a essas experiências criativas, assim como os conceitos de releitura (o ler), de busca de novos materiais fora do convencional (o fazer), gerando uma nova apresentação e um novo significado artístico (o contextualizar).

2 O DEBATE ESTÉTICO SOBRE O CONCEITO DA OBRA *A FONTE* DE MARCEL DUCHAMP.

Um dos artistas que mais influenciou a arte contemporânea segundo Tatiane Gusmão foi Marcel Duchamp. (GUSMÃO, 2013, p.105). Suas propostas para arte incluem novos materiais e formas de usa-los transformando o impensável em arte.

Temos então o trabalho de Duchamp como base de estudo em torno da proposta de debater aspectos artísticos ligados à estética dentro de sala. Como já foi abordado no capítulo primeiro o professor de artes precisa ser um pesquisador. Saber tratar os momentos históricos e suas relações com a arte.

Quando dizemos que Duchamp influenciou a arte contemporânea é importante saber quais artistas ou estilos foram influenciados por ele. Dentre eles iremos destacar nesse trabalho o movimento conhecido como *Pop Art*, e os artistas norte-americanos Roy Lichtenstein e Andy Warhol.

Trazendo o debate para sala é importante pontuar o século em que o artista trabalhou quais obras criou, onde essas obras estão e de que forma influenciaram a contemporaneidade. Aqui se faz necessário a leitura artística; proposta por Edmund Feldman revisitada por Ana Mae Barbosa: ler, fazer, contextualizar. Através disso os alunos identificaram aspectos trabalhados pelos artistas, trazendo subsídios para seus trabalhos em sala.

Sendo assim teremos como base o conceito proposto por Duchamp na obra *a Fonte*, de 1917 (FIGURA 2). Existe uma autonomia e liberdade artística no trabalho enviado por Duchamp à Sociedade de Artistas Independentes de Nova York. De acordo com Gusmão: “na época não houve entendimento a respeito de como aquele objeto poderia estar presente numa exposição de arte” (Gusmão, 2013, p. 105).

Figura 2 – Fonte. Marcel Duchamp. 1917. Urinol invertido.



Fonte: GUSMÃO, Tatiane Cristina. Arte e interação. Volume único. Ensino médio. Instituto brasileiro de Edições Pedagógicas. 1º edição. São Paulo 2013.

É importante no ensino de arte delimitar aos alunos essas fronteiras que artistas como Duchamp começam a quebrar. Se antes somente desenhos e pinturas eram bem quistos em exposições, a partir de agora isso iria mudar.

Ao longo da história muitos padrões estéticos foram impostos e eram seguidos a risca por artistas e artesãos. Com as vanguardas do início do século XX a arte enfim conheceu a liberdade, com mudanças em relação a figuração e a temática na arte. A proposta de Duchamp é de inserir objetos prontos e significá-los como obra de arte. O artista buscava romper com a tradição que ele chamava “retiniana”, ou seja, relacionada à retina, à visão.

Esse é um exercício diário que deve ser feito em sala de aula treinar o olhar aproximando imagens artísticas do convívio em sala. A arte segundo Fernando Barros precisa causar uma estesia (palavra irmã de estética) (Barros, 2012, p.80). Ou seja, abrir estudantes e professores a identificar com base nos estudos de Edmund Feldman, aspectos de cor, forma, expressão e etc; presentes na arte; e assim estabelecer de forma técnica e até subjetiva sobre o que é belo na arte.

2.1. Foco na prática. Oficina de resignificação de materiais em arte.

Ao apropriarmos da obra *A Fonte* (1917) de Marcel Duchamp para trabalho em sala, dialogaremos uma nova forma de representação artística que mudará de forma expressiva a arte contemporânea. Isso porque artistas de outros movimentos terão no

conceito proposto por Duchamp uma base para seus trabalhos. Essa é proposta da oficina.

Desde o renascimento até as vanguardas como o cubismo as transformações na arte aconteceram dentro da linguagem pictórica, a partir de Duchamp a arte começou uma nova trajetória. Essa trajetória levará a oficina até a pop arte, movimento artístico das décadas de 1950 e 1960, que teve no dadaísmo e em Marcel Duchamp uma fonte de inspiração isso fica claro quando Antony Mason expõe: “Tal como Marcel Duchamp e seus *ready-mades*, os artistas da Pop Art demonstraram que arte é principalmente uma questão de seleção” (MASON, 2004, p.23)

Uma das técnicas escolhidas para essa oficina abrange a fotografia e suas tecnologias, além é claro dos conceitos de cor, composição, forma, espaço e materialidade, presentes na arte e também na fotografia (FIGURA 3 E 4). Essa união entre a fotografia e a arte já foi vista e retratada de muitas outras formas por artistas ainda no século XIX, até mesmo o impressionismo segundo o professor Luis Morais já sofrerá interferência sendo feita dentro de um estúdio fotográfico. Ainda segundo Morais:

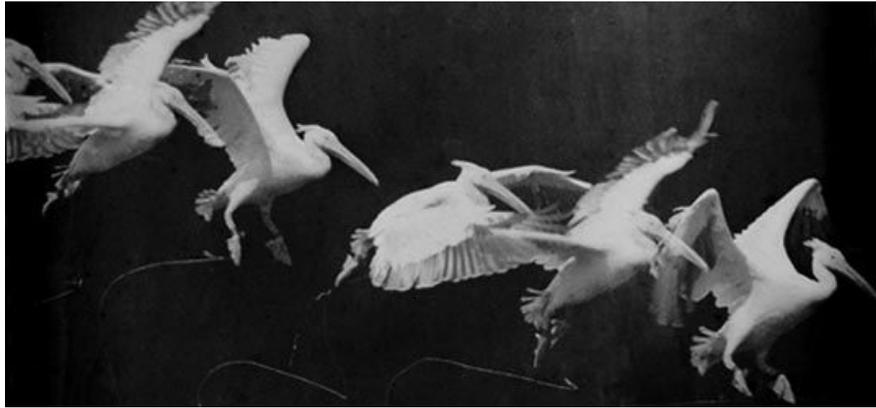
Mais tarde, no início do século XX, Marcel Duchamp, que viria a ser dos artistas mais influentes do Modernismo, produzia pinturas que retratam gestos humanos de forma múltipla e sincrônica, inspiradas pelo trabalho do fotógrafo Etienne Jules Marey, o qual, ironicamente, não tinha pretensões artísticas em seu trabalho (MORAIS, 2014, p.39).

Figura 3 – Jules Marey Etienne. Experimentos em movimento na fotografia criar belos efeitos.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/529384131172089133/>

Figura 4 – Jules Marey Etienne. Experimentos em movimento na fotografia criar belos efeitos.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/556405728934122657/>

Nossa metodologia de trabalho levará em consideração esses aspectos que redefiniram a arte tornando-a moderna em técnicas e formas, e no uso e apropriação de imagens feita pelos artistas da Pop Art. Consequentemente questões relativas ao desenho também serão usados como referência, segundo Moraes são inerentes ao desenho:

É tudo. Ou quase tudo. Qualquer coisa - linha, traço, rabisco, garatuja, mancha, borrão, pincelada, corte, recorte, dobra, ponto, retícula, signos linguísticos e matemáticos, formulas científicas, logotipos, assinaturas, datas, dedicatórias, cartas, costura, bordado, rasgaduras, colagens, decalques, esfregaduras, carimbos. (MORAIS, 2005, p.18).

A oficina será feita com a união do conceito criado por Marcel Duchamp em sua obra *A Fonte*, com as propostas da Pop Art, que são a apropriação de imagens já existentes de artistas e personagens. Os alunos farão a seguinte análise: ler e descrever os conceitos do movimento Pop Art com a obra de Duchamp. Analisar os elementos visuais e os princípios de organização das obras. Interpretar e identificar temas e ideias expostas nos trabalhos de Andy Warhol e Roy Lichtenstein, para fazer dentro dessa proposta novos trabalhos. Contextualizar e julgar de forma subjetiva o êxito ou o fracasso do objeto enquanto arte.

Os objetivos são a partir da análise dos alunos, discutir sobre os conceitos, usados pelos artistas. Identificar a percepção estética dos mesmos em relação à obra apresentada em sala. Fazer relações entre espaço e materialidade, leitura de mundo e saberes diversos. Fazer com que os alunos desenvolvam não somente sua capacidade de criação assim como sua interpretação do mundo a sua volta.

Os materiais a serem usados são de reaproveitamento. Lixo e materiais de reuso em geral, dando significado artístico para esses elementos, fazendo uso e apropriação de imagens prontas. Os trabalhos serão feitos em quatro grupos com cinco componentes em cada grupo.

A metodologia será construir um estudo da transformação do conceito de reaproveitamento e pesquisa sobre atividade local em arte tridimensional. No dia a dia: realização e prática do trabalho que será apresentada de forma livre. Apresentação do mesmo e discussão. Através daí os alunos iram trabalhar o conceito proposto por Duchamp e pela Pop Art através de sua técnica, propondo novas formas para imagens já existentes.

Na avaliação será observada a forma criativa e interpretativa do aluno a respeito do conceito de transformação, e estética tratada em sala de aula. Será avaliado também o passo a passo do trabalho enquanto técnica construtiva. Depois de pronto o conjunto final objeto representação e apresentação.

3 ANÁLISE DA OFICINA DE RESIGNIFICAÇÃO DE OBJETOS EM ARTE.

O trabalho artístico e sua fruição precisam seguir caminhos em que o aluno nas aulas de Artes Visuais experimente possibilidades de criar, desenvolver, experimentar, assim conceber novas imagens e conceitos. Quanto a isso recorreremos à professora Lucia Gouvêa que destaca pesquisas que apontam para a mudança na concepção de arte como imagem e que: “a linguagem não substitui o pensamento em imagem, é apenas uma forma de comunica-la e aponta para o ensino de arte como formas originais de produção de imagens” (PIMENTEL, 2008, p.34.).

Na oficina de resignificação de objetos os alunos foram desafiados a criar dentro de sua pesquisa uma imagem usando materiais descartáveis ou lixo. Criar um ambiente de pesquisa é fundamental no processo criativo de qualquer artista amador ou não.

Com base no CBC em Ensino de Artes no Ensino Médio será preciso, algumas vezes, retomar conteúdos trabalhados no Ensino Fundamental, para que se possa ter a continuidade e o aprofundamento de propostas de projetos. Em se tratando do ensino médio o aluno precisa desenvolver essa prática acadêmica de pesquisa, que poderá ser aplicada de muitas outras formas. No nosso caso ela serviu para criação de uma imagem artística, que para cada um deles teve uma significação estética.

Chama a atenção o fato de que os participantes eram em suas maiorias jovens entre 15 e 16 anos matriculados no primeiro ano do ensino médio da Escola Estadual Zico Barbosa, que escolheram formas diferentes de representação para seus trabalhos com materiais de reuso. A escolha das imagens de trabalho com certeza são fruto das questões estéticas que cada um assimilou no debate feito antes da oficina.

Trazer questões relativas à imagem então, são importantes na educação em artes. Com a leitura muitos pontos podem ser abordados, por exemplo, no trabalho os Beatles (FIGURA 5) os alunos criaram uma nova forma de apresentar uma imagem massificada como a da banda inglesa The Beatles usando sal de cozinha como matéria-prima.

Figura 5 – The Beatles.



Fonte: Acervo do autor.

Esse exemplo é também importante para entendermos que a construção estética está aliada a subjetividade individual criando obras diferentes com mesma técnica e mesmo material. O debate em sala a respeito do uso da estética na arte foi fundamental para o entendimento dos alunos sobre questões de conceituação na arte, ou seja, da forma como artistas usam imagens e técnicas e quais seus objetivos. As experiências vividas pelo artista são debatidas, assim como seus resultados.

Usamos a metodologia proposta pela professora Barbosa onde a capacidade crítica se desenvolve através do ato de ver associado a princípios estéticos, éticos e históricos ao longo de um processo de descrição, análise, interpretação e julgamento.

Essa metodologia foi usada na oficina em que os alunos tiveram acesso a imagens do artista Marcel Duchamp associando o uso de materiais à forma como o material foi usado seus objetivos questionadores, suas influências. Tiveram ainda contato com artistas que revisitaram Duchamp décadas depois como: Roy Lichtenstein, Andy Warhol (década de 1960) e Vik Muniz (atualidade). Aqui tratamos da releitura e o uso de imagens prontas como é o caso do trabalho Mickey Mouse do grupo 2. Onde os alunos usam uma imagem já existente que já havia sido apropriada por Warhol em uma serigrafia¹ de 1981, representando-a com materiais novos dando a esses materiais significado artístico.

Ao analisarmos a oficina em sua construção teórica, de objetivos, técnicas, metodologias, escolha da imagem e materiais; percebemos a importância do

¹ Técnica de impressão de desenhos de cores planas através de um caixilho com tela. A tinta é colocada sobre uma tela de tecido de seda, de náilon, rede metálica, com umas regiões permeáveis e outras impermeáveis, de modo a formar um desenho sobre qualquer base papel, metal, tecidos etc.

engajamento do professor de artes com a pesquisa. Além de estar inserido na vivência artística, precisa oferecer subsídios teóricos e saber através da metodologia a forma como essa teoria será aplicada na prática. Para que os trabalhos práticos feitos nas oficinas de Artes Visuais obtenham resultados satisfatórios. A isso recorremos a professora Lucia Pimentel que diz: “É necessário então, que o professor tenha conhecimento de vários métodos e saiba criar sua metodologia de acordo com os objetivos pretendidos em seu ensino”. (PIMENTEL, 2008, p.29.). Então esses objetivos são propostos através da pesquisa teórica.

A construção teórica foi feita através do livro didático usado em sala, e através das pesquisas feitas pelos alunos para o desenvolvimento dos trabalhos. Em relação aos objetivos, eles foram estabelecidos através de questionamentos feitos pelos próprios alunos sobre as diversas temáticas usadas por artistas em seus trabalhos incluindo Duchamp, estudado em aula teórica. E de como os artistas do século XX e XXI trabalham materiais na arte. As metodologias foram estabelecidas através dos estudos feitos na pós-graduação em Ensino de Artes Visuais da Universidade Federal de Minas Gerais.

A Fonte obra de Marcel Duchamp, apresentada em sala na aula teórica, foi uma forma de exemplificar como um artista ressignifica objetos em arte. Esse foi o papel da oficina, mostrar aplicabilidades para a arte dentro de novos universos de significação. Neste contexto, a presença do professor artista e pesquisador foi importante. observamos também, que a proposta de ressignificar a Arte aparece aliada à triangulação de Ana Mae Barbosa. A oficina apresentou originalidade na escolha das imagens criadas, assim como das releituras feitas que ganhassem novos formatos através das matérias usadas.

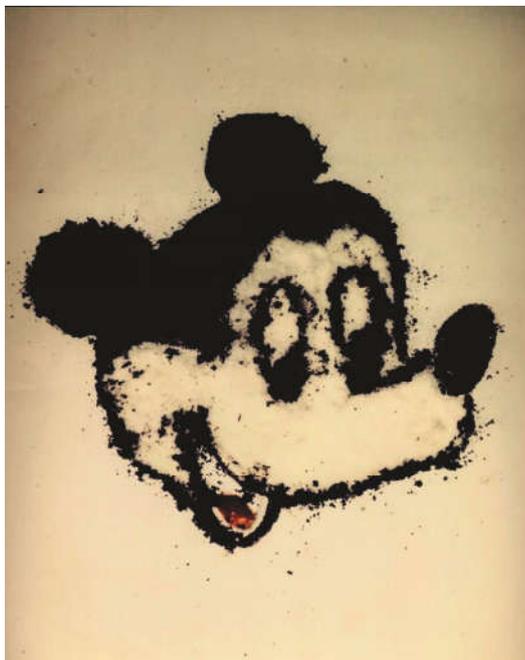
O fazer na oficina provocou dinâmica de debate entre os alunos onde a discussão central foi exatamente o uso que cada um fez da imagem, ou seja, da forma como foi escolhida e dos materiais aplicados para formar a imagem. No momento teórico os alunos tiveram contato com o trabalho do artista brasileiro Vik Muniz, que usa matérias para redesenhar e reformular a figuração com lixo, comida, terra e etc.

É importante observar que esses jovens estão inseridos em um meio tecnológico intenso e que suas referências imagéticas são na maioria das vezes obtidas da cultura popular ou da cultura de massa, como televisão e redes sociais. A representação do trabalho através de uma foto é então uma iniciativa de inserção tecnológica no trabalho, uma vez que esse arquivo poderá ser divulgado de infinitas formas. A isso vale lembrar

as palavras de Warhol que diz: “Com o desenvolvimento da comunicação de massa, no futuro todo mundo vai ser famoso durante quinze minutos”. (MASON, 2004, p.25)

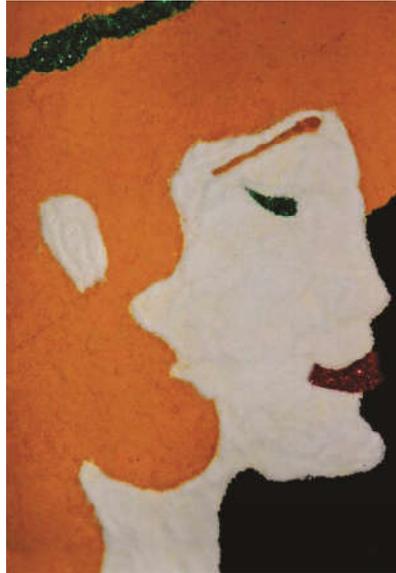
Outro aspecto observado na oficina é que a escolha do tema feita por cada grupo vai de encontro muitas vezes aos desejos inconscientes de cada um deles. Podemos observar os resultados subjetivos gerados pela oficina no debate feito no momento das apresentações onde os alunos relataram os motivos e as escolhas de cada imagem para cada trabalho. No trabalho Mickey Mouse (FIGURA 6) o grupo trata de uma imagem que foi referência na infância de todos eles, o rato mais conhecido do mundo criado pelo cineasta norte americano Walt Disney. A imagem Mulher Sorrindo (FIGURA 7), que é representada por uma loira, de formas leves e semblante feliz foi criada pelo grupo como uma utopia a violência contra a mulher. Podemos então perceber desejos sendo colocados de forma diferente, com materialidade.

Figura 6 – Mickey Mouse



Fonte: Acervo do autor.

Figura 7 – Mulher sorrindo.



Fonte: Acervo do autor.

Outro grupo de estudantes representa algo rotineiro de sua vida cotidiana que são as flores que possuem nos jardins da família especificamente rosas. Representadas na obra com sal de cozinha, café e folhas (FIGURA 8). Essa abordagem foi justificada através da leitura feita pelos alunos da obra base para a oficina. Segundo eles Marcel Duchamp usa um urinol em seu trabalho explicitando algo rotineiro da vida humana, ou seja, o uso do vaso sanitário para necessidades fisiológicas que faz parte do dia-a-dia de qualquer pessoa. Sendo assim flores fazem parte do dia-a-dia dos componentes do grupo.

Figura 8 – Roseira Branca.



Fonte: Acervo do autor.

Podemos observar então inúmeras significações não só presentes no trabalho do artista francês Marcel Duchamp, também nos movimentos posteriores inspirados nele, objeto de debate estético, mas também no trabalho dos alunos envolvidos nessa oficina. Criar uma imagem pode apresentar desafios para os jovens contemporâneos como observado em sala. Mas a aplicabilidade da triangulação de Ana Mae Barbosa com a devida delimitação estética deu subsídio para uma criação e releitura coerentes feitas pelos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de artes é fruto de uma intensa dedicação por parte do professor que como já vimos, precisa ser um pesquisador assíduo, que tem o papel de possibilitar, criar recursos para que seus alunos desenvolvam suas habilidades, intelectuais e motoras.

Nessa pesquisa percebemos que é necessário definir e delimitar um método de trabalho, assim como criar um universo de debate em sala onde os estudantes possam contextualizar e ler a arte.

É imprescindível para um trabalho artístico o uso da imagem. Quando essa imagem é criada questões relativas ao gosto pessoal e a subjetividade, precisam ser respeitados pelo professor. Quando criamos esse universo de pesquisa, discussão, leitura, a fruição artística é inevitável. Todo esse contexto enquanto método potencializará uma produção artística coerente.

Na oficina podemos observar os debates relacionados à arte como base teórica para os trabalhos práticos. Nesses debates os alunos assimilam questões de processo criativo, técnicas, materialidade, forma, temporalidade, espaço e aplicabilidade artística.

É importante o trabalho com a imagem, que na oficina foi usada como uma base para o uso e desenvolvimento de matérias não convencionais na arte. O uso de imagens já existentes, recorrente no movimento Pop Art, estudando em sala e o trabalho com materiais reaproveitados do artista Vik Muniz forma revisitados na teoria e aplicados na prática, além do debate sobre a obra de Marcel Duchamp, artista que influenciou o movimento e o artista citados acima.

Esse processo precisa ser muito coeso no que concerta sua metodologia e conceituação de tema, assim como a parte prática. Nessa oficina usamos de forma explícita a referência de trabalho do artista francês Marcel Duchamp através de sua obra *A Fonte* de 1917. Debates sobre o uso de materiais e o conceito do artista, e encontramos um método baseado na pesquisa, histórica e contemporânea de trabalho, interligando momentos históricos na arte e influências entre artistas.

As experiências vividas por cada grupo na oficina teve como base uma nova forma de uso de materiais, que foi vista no trabalho de Vik Muniz no caso restos como folhas, sal, areia, tecidos, papel, restos de construção. Gerar essa possibilidade de uso de materiais só foi possível através da conceituação do trabalho de Duchamp.

No campo da estética podemos ressaltar como resultado que o envolvimento do professor e dos alunos com uma base teórica foi imprescindível. Assim em grupo os

alunos criaram trabalhos dialogando com artistas, técnicas e métodos descobertos na pesquisa teórica.

Essa metodologia foi desenvolvida no capítulo 1, onde o professor estabelece junto a estudos teóricos formas de aplicar conceitos da Arte dentro de sala. Assim ela propõe que a partir de uma obra de arte seria proposto um debate em torno do artista, seu método de trabalho, sua história, influências, e da forma como aquela obra é vista pelos alunos, ou seja, a compreensão que cada um faz dela.

Com isso entendemos a necessidade da pesquisa em Artes e do envolvimento do educador no meio artístico. Entender o percurso do ensino de Artes Visuais também foi importante como forma de estabelecer o método proposto na oficina.

Seria, então, possível entender através dessa oficina que a Arte, como um conjunto de processos ligados a imagem e a estética, debatidos com uma técnica para gerar uma materialidade, que muitas vezes pode ser fugaz e passageira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Editora Mestre Jou. São Paulo 1970.

BARROS, Fernando R. de Moraes. *Estética Filosófica para o Ensino Médio*. Autêntica Editora. São Paulo 2012.

COELHO, Luis Moraes; AZEVEDO, Patrícia; BATISTA, Paulo. *Fotografia e Tecnologias Contemporâneas. Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais*. 2ª Ed.. Belo Horizonte. Escola de Belas Artes da UFMG, 2008, p. 17- 41.

Dicionário Filosófico Voltaire. Editora Escala. São Paulo 2008.

GOMBRICH, E. H. *A História da Arte*. Tradução de Álvaro Cabral. 16ª edição. Editora LTC. Rio de Janeiro 1999.

GUSMÃO, Tatiane Cristina. *Arte e interação*. Volume único. Ensino médio. Instituto brasileiro de Edições Pedagógicas. 1ª edição. São Paulo 2013.

IAVELBERG, Rosa. *Para gostar de aprender arte*. Editora Artmed. Reimpressão 2007. Porto Alegre 2003.

MADURO, Clébio; PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. *Monotipia e Impressão*. In PIMENTEL, Lúcia Gouvêa (Org.). *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais*. 2ª ed.. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008, p. 42-50.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. *Metodologias do Ensino de Artes Visuais*. In: PIMENTEL, Lúcia Gouvêa (Org.). *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008. P. 23-37.

SANTANA, Sâmara. *Fundamentos de Ensino de Artes Visuais*. In: PIMENTEL, Lúcia Gouvêa (Org.). *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008. P. 38-47.